

A L E X M A R W O O D

À
SOMBRA
DE
UMA
MENTIRA

Tradução
Verônica Radulescu

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2016

Prólogo

1986

Há um cobertor, mas o aroma que vem de suas dobras a faz imaginar que ele nunca foi lavado. As celas são superaquecidas e, apesar de Jade tê-lo enrolado e jogado para o canto na primeira vez que a trouxeram ali, é difícil ignorar o fedor de urina e de pele suja. A policial Magill o pega, amassando-o na mão, e o estende em sua direção:

— Coloque isso a cabeça! Eles não têm permissão para ver seu rosto!

Nem é preciso. A fisionomia de Jade apareceu em todos os jornais há alguns meses, e estará novamente em evidência, em todos eles, amanhã.

Ela olha para o cobertor com repulsa.

A policial Magill franze as sobrancelhas.

— Quer saber, Jade? Se quiser, saia sem se cobrir. Estão todos morrendo de vontade de ver você, acredite! Por mim, tanto faz!

Já me viram várias vezes. Nos jornais, nas notícias. É por isso que nos fazem formar fila naquelas fotos de escola todos os anos. Não é para as famílias, mas para se ter uma imagem que possa ser vendida aos jornais. Assim, eles têm alguma coisa para acrescentar um título. “O MUNDO SUPLICA, ENCONTREM O NOSSO ANJO”, ou, no meu caso, “A ANGELICAL FACE DO MAL”.

Pela porta aberta é possível ouvir Bel gritando. Ainda gritando. Ela começou quando o veredito foi dado e continua desde então. Jade consegue ouvir apenas o silêncio através das paredes da cela. Nenhum som as penetra: a multidão aos berros, os pés apressados caminhando em meio aos preparativos. Ocasionalmente, ouve-se o ruído do metal polido do olho mágico sendo puxado, ou o estrondo de outra pesada porta se fechando; tirando isso, o silêncio sepulcral impera. O som de sua própria respiração, o som de seu coração, batendo acelerado. Quando a policial Magill abriu a porta, o barulho parecia abafado, até mesmo ali embaixo: a selvageria, vozes de estranhos, em coro, clamando por justiça. A multidão a quer. A ela e a Bel. Disso ela sabe.

Magill estende o cobertor novamente. Dessa vez, Jade o pega. Eles a farão usá-lo de uma forma ou de outra, querendo ou não. Suas mãos tremem. A policial se mantém distante, como se a criança tivesse uma doença contagiosa.

Bel grita como um animal preso em uma armadilha.

Ela arrancaria seu próprio braço se isso a ajudasse a fugir. Está sendo pior para Bel do que para mim. A vida dela não era problemática como a minha.

A policial Magill espera por um instante, a boca contorcida.

— Como você está se sentindo, Jade?

Por um momento, Jade chega a pensar que a pergunta da policial indica certa preocupação, mas um simples vislumbre de seu rosto demonstra o contrário.

Jade olha para ela, pensativa, com os olhos arregalados.

Sinto-me insignificante. Insignificante, sozinha, assustada e confusa. Sei que estão gritando contra mim, mas não entendo por que me odeiam tanto. Nós não queríamos isso. Nunca quisemos que aquilo acontecesse.

— Mal, não é? — complementa Magill, por fim, sem necessidade de uma resposta. — Não está se sentindo bem, certo?

Ouve-se a voz de Bel em meio aos ruídos estrondosos ao longo do corredor.

— Não, não, não, não! Por favor! Por favor! Eu não posso! Eu quero a minha mãe! Mãeeeeeee! Eu não posso! Não me leve lá fora! Não, não, não, não, não me leve lá!

Jade olha para trás, para a policial Magill. Seu rosto parece uma máscara de Halloween, uma feição assustadora. Como se representasse o asco ecoado pelas vozes da multidão do lado de fora. Jade é culpada. Ninguém tem que agir como se acreditasse em sua inocência.

Está definido: não somos mais duas suspeitas, não somos mais duas crianças sob custódia. Somos “As Meninas Que Mataram Chloe”. Agora, nós somos o próprio Diabo.

Magill lança um rápido olhar sobre os ombros, apenas para constatar se algum dos seus superiores estava ouvindo, e então sussurra:

— Você merece, maldita vagabunda! Se dependesse de mim, a pena de morte voltaria imediatamente!

Capítulo Um

2011

Martin olha o relógio. Já são quase 22h. Em breve, ela começaria a trabalhar. As luzes de neon da montanha-russa do parque de diversões Funnland tinham sido desligadas, os arcos de halogênio que iluminavam o local depois do expediente — tanto para conduzir os retardatários para a saída como para ajudar os zeladores a enxergar as pegajosas balas de goma, os respingos de refrigerantes e as descuidadas manchas de ketchup — tinham sido acesos. Ela deve estar nos vestiários. Como a maioria das pessoas que batem cartão, ela é meticulosa em relação à chegada, mas lenta para realmente começar a trabalhar. Ela precisava trocar de roupa, vestir seu uniforme.

Martin sente muita raiva pela forma que ela o dispensou. Sem explicação, sem nenhum contato, apenas o silêncio, o vazio, dia após dia. Será que ela ainda pensa nele? Tinha esperado três horas, mas não aguenta mais. Pega o telefone e procura o número dela. Digita uma mensagem: *Por favor, responda. Não me ignore.*

Olha para a tela, pensativo, e envia...

Na rua, um grupo comemora uma despedida de solteira. Ele sabe que se trata disso porque estão cantando “Going to the Chapel”. É sempre essa

música ou “Nice Day for a White Wedding”. Apenas o refrão, de novo e de novo, ou “Here Comes the Bride, Short Fat and Wide”. Há milhões de músicas, mas as despedidas de solteira nunca vão além desse curto repertório.

Ouve-se um grito lá fora e, em seguida, um coro de gargalhadas. Alguém caiu. Martin se obriga a sair da cama e vai até a janela. Abre uma fenda na cortina e olha para fora. Oito jovens mulheres, em vários estágios de embriaguez. A noiva — com um pequeno véu identificando-a — encontra-se no chão, derrubada por saltos de seis polegadas e pelo traseiro avantajado. Ela está caída na calçada em sua minissaia estilo tubinho, o estômago saltando para fora da faixa na sua cintura e seus peitos espalhados no seu decote, enquanto duas de suas amigas a puxam por um dos braços pálidos e trêmulos. As outras amigas estão espalhadas pela calçada, apontando para ela e destacando-a enquanto morrem de tanto rir. Uma delas — de short minúsculo e colado, brincos de argola gigantes e um top de listas horizontais — importuna os homens que passam por ali, pedindo um isqueiro.

A moça de top vence. Um grupo de arruaceiros — todos os finais de semana a cidade é invadida por eles, rapazes que só querem bagunçar ou que não possuem passaportes ou vistos, espalhando vômitos de sangria sobre o concreto espanhol quente — para, acende o isqueiro, começa a conversar. Tudo parece bem, uma gargalhada mútua.

Todas as conversas debaixo da janela de Martin são ruidosas, como se os tímpanos das pessoas que paravam por ali já estivessem danificados pelos sons estridentes, e o bom senso delas já estivesse danificado pelo álcool, pelo ecstasy e pela cocaína, que parecem custar menos do que um maço de cigarros nos dias de hoje. E não é nem preciso sair de casa para consegui-los.

A noiva finalmente se levanta. Ela manca, ou finge, e usa o ombro de um rapaz para se apoiar. Martin observa como a mão do homem se arrasta por baixo da saia colada, avançando. A noiva solta uma gargalhada, dá um tapa suave e olha para ele de forma encorajadora. A mão do homem retorna. Eles caminham pela rua, em direção à boate.

A moça de top fica para trás, encostada em uma vitrine, falando com o homem que segura o isqueiro. Ela balança de um lado para o outro, agitada, e nem parece notar que suas amigas desaparecem esquina abaixo. Ajeita a blusa, puxando os peitos esmagados para cima, e tira suavemente o cabelo da frente dos olhos. Sorri para o homem, flertando, empurrando levemente o seu braço. Assim se dá o acasalamento moderno. Você não precisa nem mesmo pagar uma bebida para a garota. Basta lhe emprestar seu isqueiro e ela é sua.

Deixando cair a cortina, Martin volta para a escuridão do seu quarto, a depressão penetrando-lhe os poros. Ele não entende o mundo. Às vezes, acha que as pessoas aproveitam aquele pedaço da rua bem do lado de fora do seu apartamento só para provocá-lo. Para lembrá-lo da diversão que ele não tem, para lembrá-lo do fato de que essas criaturas felizes atravessariam até o outro lado da calçada, caso tentasse se juntar a elas. Whitmouth é uma decepção para ele. Quando sua mãe morreu, pensou que seria capaz de escolher o seu destino, que o mundo seria a sua ostra ou que, pelo menos, a vida seguiria o seu curso, mas, em vez disso, encontra-se observando a diversão de outras pessoas como se assistisse à televisão.

Parecia um conto de fadas — pensa, enquanto acende a luz do quarto —, quando eu era criança e costumávamos vir até aqui de Bromwich. As famílias se reuniam, chá com torradas e geleia, o tobogã no cais, sem edifícios altos por quilômetros. Foi por isso que voltei aqui: todos os bons momentos, todas as lembranças, toda aquela esperança. Hoje, mal me atrevo a olhar pelas portas das lojas quando passo por elas, para não ver os joelhos de Linzi-Dawn junto ao jeans baixo de Keifer, e eu excluído, indesejado, somente olhando.

Ela ainda não tinha respondido. A pele de Martin formiga enquanto ele olha para a tela do aparelho.

Quem ela pensa que é?, pergunta-se, jogando o telefone em cima da cama. Liga a TV e vê as notícias passando na BBC.

Caramba, Jackie. Você não tem o direito de me tratar assim. Se você é igual às outras, por que fingiu ser diferente?

Outra gargalhada na rua. Martin pressiona o botão de volume do controle, aumentando ao máximo. A raiva da rejeição rasteja-lhe sob a pele, invisível, corroendo-o por dentro. Tudo que ela precisa fazer é escrever alguma coisa. Ele não quer sair, mas, se ela continuar se recusando a responder, terá de fazer isso. Como sua mãe sempre lhe garantira, a persistência é a qualidade mais importante na vida. E Martin sabe que é o mais persistente de todos.